

Novo tempo para o Distrito Federal

Antonio Fábio Ribeiro*

O Plano de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal, anunciado pelo Governador Cristovam Buarque, anuncia um novo tempo para o Distrito Federal. Em razão da controvérsia sobre a função e a vocação de Brasília, até hoje faltou rumo definido pelas autoridades governamentais no sentido de orientar a classe produtiva quanto à construção da nossa auto-sustentação econômica.

A capital oscilou desde a sua criação ao sabor da improvisação, pois tinha sua sobrevivência garantida pelos repasses do Governo Federal. Esse tempo, no entanto, acabou. A crise financeira federal limitou os recursos da União e os repasses para o Distrito Federal começaram a escassear-se gradativamente, a tal ponto que tornaram-se insuficientes para assegurar o funcionamento de setores essenciais, como saúde, educação e segurança pública.

A partir daí tornou-se fundamental traçar as diretrizes de uma nova estratégia de desenvolvimento, em busca de alternativas capazes de atender a demanda principal da nossa sociedade, a oferta de empregos, cuja escassez elevou-se consideravelmente depois do Plano Real, responsável pelo impulsionamento decisivo da abertura econômica, que pegou segmentos empresariais importantes no contrapé, despreparados para enfrentar a concorrência no contexto da globalização da economia.

Paralelamente, intensificou-se a guerra fiscal entre os estados, ávidos por novos investimentos, indispensáveis para gerar o volume de emprego e renda que deixou de ser com a queda da transferência de recursos da União, que às vezes com o crescimento do déficit público, viu-se impossibilitada de transferir a eles recursos necessários para obras, investimentos e fomento das atividades produtivas.

A crise econômica, os preços altos, a falta de crédito para investimento, a falta de uma reforma tributária e a ausência de uma política industrial no país, que considerasse o interesse do Centro-Oeste e outras regiões periféricas em industrializar-se, levou a uma cruel realidade - estados que industrializaram-se em décadas anteriores desenvolveram, os demais, apesar dos esforços, permaneceram no "status quo".

Nesse contexto, o Distrito Federal se viu ainda mais prejudicado por não dispor de uma estratégia de desenvolvimento capaz de competir com outros estados da própria região. Atormentado pela falta de recursos em escala crescente para atender as suas despesas sempre maiores do que suas receitas, o GDF teve que apressar o Plano que acaba de ser anunciado pelo Governador.

Felizmente, predominou, em sua elaboração, o bom senso e a inteligência quando considerou estudos e trabalhos anteriores e reivindicações das classes empresariais acumuladas nos últimos 10 (dez) anos, caminhando por formatar uma es-

tratégia que busca conectar as necessidades do presente e do futuro num todo harmonioso, que, certamente, criará o ambiente necessário à atração de capitais para a nossa região.

A preocupação em criar um pólo de tecnologia do Distrito Federal é imprescindível, porque o mesmo, na Era do Conhecimento em que vivemos, permeará todos os setores da economia e impulsionará, conseqüentemente, a nossa juventude a sintonizar-se com esse novo tempo, visto que a qualidade da mão-de-obra, cada vez mais aperfeiçoada para manejar a tecnologia, será pré-requisito indispensável à conquista de uma oportunidade de trabalho.

O incentivo ao turismo é o ponto alto da estratégia do Plano governamental. E não poderia ser de outra forma. Brasília fornece o grosso das informações que movem, atualmente, os meios de comunicação, de modo que torna-se atração natural ao inconsciente coletivo de nossa população, interessada em conhecê-la. Explorar, do ponto de vista turístico, essa característica singular da Capital da República, é um ato de perspicácia amplamente manifestado pelo Plano que merece o aplauso de todos nós.

Os investimentos que já estão chegando para os empreendimentos que serão construídos na orla do Lago dão bem a mostra do interesse dos capitais internos e externos em nossa cidade. Certamente, nos próximos anos, Brasília se tornará atração nacional e internacional, a partir da criação de uma infra-

estrutura turística capaz de conjugar negócios e lazer, a exemplo do que ocorre, por exemplo, em Washington, cujos atrativos turísticos encantam os povos de todo o mundo.

A criação de pólos industriais nas cidades-satélites, estimulados por uma política fiscal conveniente aos interesses dos investidores, para dar competitividade ao Distrito Federal, mudará a face da nossa economia nos próximos anos, e a utilização da linha do Metrô, que motivará investimentos ao longo da mesma em projetos voltados aos interesses da comunidade, integrando esse meio de transporte às necessidades intrínsecas dela, em matéria de lazer e serviço, abrirá novas expectativas de crescimento econômico numa região cujo perfil de adensamento populacional tende a ganhar dimensão cada vez maior.

O fato relevante, a nosso ver, é que o Plano de Desenvolvimento Econômico dá um rumo ao Distrito Federal. Isso é importantíssimo. Por melhor que seja o sopro do vento, de nada adianta se não sabemos aonde pretendemos chegar. Ao contrário, se sabemos qual objetivo alcançar, trabalhamos o vento a nosso favor. O Plano governamental sinaliza no sentido de chegarmos a um bom porto. Agora é trabalhar duro, para concretizar o que está no papel. Não existem milagres.

(*) Vice-Presidente da Confederação Nacional da Indústria - CNI; Ex-Presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal - FIBRA.